

O gênero perfil na série “O clube dos corações partidos” da jornalista Fabiana Moraes¹

Bruna Fernandes de SOUZA²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Na série “Clube dos Corações Partidos”, a jornalista Fabiana Moraes conta histórias de sete cantores de brega utilizando técnicas do gênero perfil e aspectos da narrativa contemporânea, como a subjetividade, a aproximação com o leitor e a atorização do narrador. Este artigo pretende expor essas e outras características presentes no material da jornalista e abordar a necessidade do profissional atual de se reinventar e usar mecanismos atrativos em seus textos.

Palavras-chave: Fabiana Moraes; gênero jornalístico; narrativas; perfis.

Introdução

“Brega”, segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa: que se considera ser de mau gosto ou não ter refinamento; de qualidade inferior, reles. É essa a definição, brega, que muitos de nós temos na cabeça. Porém, depois de ler os perfis especiais de sete artistas desse estilo musical, escritos pela jornalista pernambucana Fabiana Moraes³, essa ideia pode mudar.

Na série “Clube dos Corações Partidos”⁴, a autora relata diversos momentos da vida desses cantores. Os altos e baixos da carreira, dificuldades financeiras, problemas familiares, desenganos amorosos, os shows, as músicas, os fãs, essas e outras particularidades que levam o leitor a entender os percursos de cada um desses artistas. Bartô Galeno, Evaldo Freire, Roberto Muller, Carlos André, Genival Santos, José Ribeiro e

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB, e-mail: brunafs9@hotmail.com.

³ Fabiana Moraes é jornalista e socióloga, repórter especial do Jornal do Commercio (Recife), autora de reportagens especiais como “Ave Maria”, “A Vida é Nelson”, “O nascimento de Joicy” (Prêmio Esso de reportagem em 2011) e “Os sertões” (Esso de Jornalismo em 2009). Publicou, no formato livro-reportagem, Os Sertões (2011) e Nabuco em Pretos e Brancos (2012). A série “O clube dos corações partidos” foi publicada originalmente no Jornal do Commercio. (texto informado pela autora).

⁴ A série pode ser encontrada no site: <http://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br/romanticos/> ou no site <http://farofafa.cartacapital.com.br/2013/09/16/o-clube-dos-coracoes-partidos-2/>

Augusto César são descritos não de forma fria, cronológica, mas sim de maneira aproximada, verdadeira, subjetiva.

A narrativa e seus personagens induzem os leitores a repensar o conceito de “brega”, pois, ao conhecer esses homens e suas histórias, percebemos que eles (e suas canções) não são reles; são fruto de muitos desafios enfrentados e de muito sentimento envolvido. Augusto César, um dos protagonistas, diz: “Brega? Acho que brega é a forma mais simples de falar de amor através de uma canção”, encerrando a polêmica sobre as definições do estilo.

Para tanto, Fabiana Morais usa técnicas do gênero perfil e das narrativas contemporâneas, apresentando, então, um material que se distingue do jornalismo comum produzido no dia a dia. Este artigo pretende, através do detalhamento da série produzida pela jornalista, expor algumas características fundamentais em textos do gênero perfil, utilizando teorias de estudiosos do tema.

O gênero perfil

Na série, há a reunião de perfis de sete homens, cada um em seu contexto, em uma grande temática que os unifica: o popular “brega” e a eterna busca pelo sentimento cantado. Sobre esse gênero, Sérgio Vilas Boas afirma que “o perfil é um tipo de texto biográfico sobre uma – uma única – pessoa viva, famosa ou não” e “o perfil expressa a vida em seu contexto. Atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiossincrático” (VILAS BOAS, 2014, p.271-272). Além de ser “uma narrativa curta, tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter” (VILAS BOAS, 2003, p. 13).

O tipo de texto biográfico escolhido pela jornalista, o perfil, “emerge na história e no jornalismo no bojo de um processo de aproximação destas áreas com a literatura, o que implica uma incorporação do elemento ficcional e a adoção de determinados estilos e técnicas narrativas” (SCHIMIDT, 1997, p. 8). Segundo o autor, trata-se de um gênero que sofreu influência do *new journalism*, um movimento surgido na década de 60, nos Estados Unidos, que pregava uma abordagem jornalística mais imparcial, misturada com as técnicas literárias. Ou seja, em seus textos, Fabiana Moraes usa muito do que o jornalismo absorveu da literatura e aproveita para fazer do perfil, que é justamente o tipo mais nobre do jornalismo literário (VILAS BOAS, 2014), um espaço ideal para as histórias de vida desses

artistas. Nesse caso, o perfil pode ser visto como uma “das possibilidades narrativas em que este exercício de intersecção com a arte da narrativa é precisamente feito para além do efeito estético” (PICCINI, 2012, p.82).

A escolha dos personagens – cantores fora da visibilidade midiática – demonstra a preocupação que a autora teve com a não valorização apenas de “grandes homens”, de pessoas famosas, como fazem muitos textos biográficos, sejam perfis ou biografias. De acordo com (GARDNER, 1999, p.132 apud VILAS BOAS, 2008, p. 122), “nossa cultura tende a confundir o famoso com o bem-sucedido”. Neste caso, os personagens fogem da linha de pensamento que prega a extraordinariedade como essencial para que alguém seja perfilado ou biografado. Apesar de serem artistas com fãs, carreira reconhecida, obras lançadas, os sete cantores aparecem nos perfis como vidas comuns, sofridas, sem ênfase na suposta grandiosidade que a fama traz.

Entre os bilhões de terráqueos vivos, quem merece um perfil? Sendo de indivíduo para indivíduo, é muito difícil estabelecer critérios. Potenciais personagens estão em toda parte. No entanto, ninguém é personagem de uma narrativa pelo simples fato de estar vivo. Para se tornar personagem de um perfil, são necessários dois processos antecedentes: o autor escolher uma pessoa (ou ser escolhido pela pessoa) e o “convite” ser aceito (VILAS-BOAS, 2014, p. 273).

Fabiana optou por trazer à tona histórias esquecidas, de cantores de um gênero musical muitas vezes subjugado e fez com que, sem dúvidas, seus leitores se identificassem com eles e criassem uma empatia de imediato. Para (SCHIMIDT, 1997, p. 8), é “importante assinalar que o biógrafo [aqui podemos incluir o autor de perfil] não é um mero colecionador de informações, inéditas ou não, mas um reconstrutor de existências, narrador de vidas (...)”.

Isso está relacionado à humanização que o jornalismo, principalmente o que conversa com a literatura, procura.

Faz parte do ideário jornalístico uma desejável busca pela humanização. Em nenhum outro espaço do seu universo de possibilidades esse ideal é melhor cultivado do que no perfil, matéria de caráter biográfico que retrata concisamente momentos de uma vida, através de entrevistas, descrições, narrações de episódios marcantes (LIMA, 2012).

Em um perfil – o qual deve apresentar uma narratividade que “se expressa por uma estruturação bem calculada e uma escrita predominantemente reflexiva” (VILAS BOAS, 2014, p. 272) –, muitas vezes, é preciso recorrer à seriedade das datas, números e idades. A

autora, contudo, consegue fugir da mesmice e traz uma narrativa rica em detalhes que transportam o leitor para a cena do descrita, além de inserir breves contextualizações sociais sobre o momento narrado, como no trecho sobre Evaldo Freire:

Contou também sobre quando foi embora. Tinha perto de 17 anos. Saiu do acampamento para o sétimo Batalhão de Engenharia de Combate, em Natal. No dia em que chegou, falando com um sotaque cigano, tão diferente, logo resolveram a questão. “Você é comunista?”, perguntou um oficial de alta patente. Em meados dos anos 70, ou você era isso ou aquilo, mas Evaldo passou batido pela polarização política: sua singularidade consistia em ser um rapaz de cabelos encaracolados que trazia como bagagem um violão e uma tristeza grande e multiforme, tentacular, esquisita, arrastada, refratária, indizível e adjetivável demais para ser formatada dentro dele mesmo.

Os textos apresentam uma narrativa capaz de traduzir em palavras o sentimento (este que era, e ainda é, relatado por eles nas músicas, escritas ou cantadas com base na vida, nas “dores do homem”) vivido por esses artistas, que passaram por muitas decepções, tristezas e muitos amores. Trecho ainda sobre o potiguar Evaldo:

Foi nessa imersão e nessa vida na qual via pais e irmãos, de longe, seguindo como família, que ele moldou o troço tão adjetivável cujo rosto encararia mais tarde, na sala escura do psicanalista. No acampamento, o violão era a maior companhia, ajudando-o a sedimentar uma tristeza que, repare, nunca foi silenciosa. Saía como voz, como nota, às vezes com a ajuda de uma dose de ximbira (aguardente).

Essas características, segundo (VILAS BOAS, 2003), fazem parte do papel que o perfil possui, que é do de gerar empatias:

Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê) (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Mesmo fazendo o leitor adentrar no universo desses homens e transmitir com sinceridade os seus sentimentos, a autora reconhece, no texto sobre Evaldo, que tem um espaço reduzido para tanto: *Ali (...) está ele: o troço grande e multiforme, tentacular, esquisito, arrastado, refratário, indizível e adjetivável demais para ser formatado em apenas cem linhas de uma matéria.*

Aproximação, subjetividade e bastidores

As narrativas contemporâneas exigem mudanças que aproximem o seu narrador do objeto narrado e, conseqüentemente, do seu leitor. Ou seja, exigem a busca por uma “realidade que justamente apresente as interpretações subjetivas, espontâneas, portanto mais imediatas ao acontecimento (...)” (PICCININ E ETGES, 2014, p. 324). Isso faz com que o repórter, o jornalista, coloque o seu lado testemunhal em destaque e se mostre mais, protagonize mais, dando autenticidade e veracidade ao fato narrado. No texto sobre o artista Bartô Galeno, intitulado “O ídolo gentil das multidões”, Fabiana diz que “não é fácil precisar a afetividade instantânea que sentimos pelo cantor e compositor a partir de qualquer contato mais aproximado (em um show, em uma simples audição ou em uma entrevista de duas horas)”. Fica claro, então, o envolvimento, mesmo que breve, que a autora teve com o seu entrevistado. As qualidades atribuídas ao cantor no desenrolar do perfil, juntamente com o rápido depoimento citado da jornalista, provocam uma empatia em quem lê o texto. Esse protagonismo testemunhal, chamado por FAUSTO NETO de atorização, se revela em muitos trechos dos perfis dos homens das canções românticas. Para (PICCINI 2013) essa atorização “se dá a partir da evidência do repórter como testemunha e agente fundamental da história que narra”. Dessa forma, há uma interação autor-personagem, que para VILAS BOAS, é condição *sine qua non* em um perfil.

Além dessa característica, a jornalista dos “corações partidos” usa da autorreferencialidade, quando fala dos processos próprios do jornalismo e explicita bastidores da construção das reportagens. Dessa forma, mesmo sem colocar o pronome “eu” escancaradamente, detalhes que antes ficavam restritos aos participantes das entrevistas, gravações, são explorados no texto jornalístico e agregam conteúdo à narrativa, como vemos nos exemplos dos perfis de Bartô Galeno, Roberto Muller e José Ribeiro, respectivamente:

Simplificando: Bartô é gente boa. Um exemplo foi a postura do cantor durante esta conversa: várias de suas respostas foram interceptadas pela esposa, Socorro, com quem está casado desde 1975. Perguntou-se quando ele deixou a Paraíba para morar no Rio. “Ah, foi em 1969, no dia 2 de julho de 1969, eu...” “Ah, foi no dia em que a Apollo chegou à Lua... Ele sempre conta essa história.” O cantor sorri, toma outro gole de água e só

responde: “É, foi, foi”. (A expressão em repeteco seria usada várias outras vezes nos momentos em que Socorro tomou a fala para si.)

Dagmar está cansada, mas precisa acompanhar mais uma entrevista de uma jornalista interessada na carreira de seu maior cliente. Na sala onde um ventilador não consegue dar conta do calor, ela, aborrecida, ouve as mesmas perguntas de sempre: quando ele começou a cantar? Que músicas marcaram mais a carreira dele? Que cantores o influenciaram? Quando lançou o primeiro disco?

“Eu vivo o drama da música”, diz Zé, sentado no sofá e cercado por flores de plástico que decoram a sala da casa localizada em um bairro popular da Região Metropolitana de Recife.

Como se pode ver nas partes já citadas, a linguagem utilizada por Fabiana também é um diferencial. Ela permite uma leitura fluida, rica, sem abusar da formalidade. A partir do título da série de perfis já é possível ter uma ideia da escolha que ela fez para o tipo de narrativa. “O Clube dos Corações Partidos” remete de imediato ao estilo musical dos perfilados, que abusam do romantismo em suas letras e trazem sempre as nuances do amor nelas. Além disso, a autora joga com as próprias histórias dos cantores, as quais também têm verdadeiramente muito sobre o “coração”, as perdas. O título traz, então, uma referência a essa linguagem mais literária, poética. A redação em si da jornalista é mesclada com inserções de falas dos entrevistados e de outros envolvidos nos relatos, como também de citações de frases das músicas dos cantores. A temporalidade, no perfil, é focada na vida presente dos personagens, entretanto, nada impede que resgates e suposições futuras apareçam, como explica LIMA:

No meu entender, os perfis são uma espécie de história de vida cuja proposta é desenhar um momento selecionado, atual, do(s) protagonistas. Naturalmente, elementos do passado surgem aqui e ali para contextualizar o presente, tal como esboços do futuro aparecem, ocasionalmente. Mas o foco central da narrativa é o presente (LIMA, 2012).

Na série, os *flashbacks* enriquecem a narrativa, dinamizando os perfis, que fogem da cronologia marcada por datas crescentes.

Nesse sentido, era quase um impropério, entre intelectuais e demais esclarecidos do Brasil de 1975, ouvir e cantar versos como “Não posso mais, eu confesso/ Confesso que vou chorar/ Eu hoje quebro essa mesa/ Se meu amor não chegar”. (A espera que vendeu um milhão de discos – Carlos André)

“Agora, quando canto ‘Se errar outra vez, dou castigo para não se acostumar’, as mulheres olham para mim e gritam ‘nãããã’”, comenta, referindo-se a um de seus maiores sucessos. Sentado em seu sofá localizado no Bloco B, Genival continua a falar, lembra do passado (os olhos cheios d’água várias vezes). Não há ressentimento: adequou-se, com o conforto provocado pelo o que é inevitável, a sua vida de agora. Sem sauna, sem carro no ano – e, que bom, sem vaia. (A gramática correta do amor – Genival Santos)

Segundo (PICCININ E ETGES, 2014, p. 324), essas e outras características das narrativas contemporâneas fazem parte “das novas formas de construção das práticas discursivas no jornalismo, em que o real poderia ser narrado a partir inclusive de incursões subjetivas”. Lembrando que, segundo (BORGES, 2006, p. 220), “aceitar a subjetividade não quer dizer submeter-se ao subjetivismo, mas perceber que por trás do discurso historiográfico, há um sujeito que o produz”.

A reconfiguração das narrativas se dá, possivelmente, segundo (SOSTER, 2014), “em decorrência do acoplamento estrutural entre os sistemas jornalístico e o literário”, como dito anteriormente. A inserção de trechos de depoimentos de parentes (como quando a mulher de Bartô “interrompe” a entrevista) exemplifica o que (VILAS BOAS 2008) quer dizer com “o biografado e sua obra contou com muitos coadjuvantes”, ou seja, existe “uma visão rasa típica do jornalismo de noticiários de que uma pessoa constrói sozinha seu universo consagrador” e o autor de textos biográfico deve fugir dessa ideia.

Interação e uso de multimídia

“O Clube dos Corações Partidos” foi publicada no impresso Jornal do Commercio, com uma versão online cheia de conteúdos extras e interativos (FIGURA 1). Para complementar os textos, foram inseridos nas páginas online dos perfis vídeos com trechos dos shows dos cantores, um rápido making of mostrando-os cantando e sendo fotografados, as fotos tiradas para as matérias (as quais se combinam com a personalidade e a história dos sete homens) e os áudios de algumas músicas dos artistas. Também foram adicionadas sessões em que os leitores podem comentar a respeito dos perfilados e do trabalho da jornalista, além de um setor com “a história de um fã”, em que um fã de cada cantor relata à repórter um momento marcante da vida que envolveu esses artistas.

Figura 1. Possibilidade de interatividade nos perfis online



Captura de tela

Através desses conteúdos o leitor pode entrar ainda mais nas histórias contadas nos perfis. As fotos e os vídeos deles cantando dão vida àquilo que estava apenas na imaginação do leitor, nas cenas montadas pelos textos. E a possibilidade de interagir com o conteúdo é de grande valia não só para os leitores, mas também para a jornalista, que recebe o feedback deles. “A partir do surgimento de novas formas narrativas, advindas de suportes também originais e em coexistências com as já tradicionais formas, as narrativas contemporâneas vão instaurando uma ambiência marcada pela multiplicidade de formatos e conteúdos” (PICCINI, 2012, p. 77).

Considerações finais

A série “O Clube dos Corações Partidos” é apenas um exemplo do conjunto de obras produzido pela jornalista Fabiana Morais, a qual é apenas uma das escritoras que apostam em uma narrativa diferenciada. Porém, sem dúvidas, o trabalho dela se destaca por

trazer uma forma de contar histórias, principalmente através desses perfis, que leva o leitor a penetrar nos fatos e não somente lê-los.

Explorar as técnicas da literatura, misturando-as com as do jornalismo, dar destaque ao personagem, ao que é próximo ao leitor, e escrever com clareza e riqueza de detalhes, sem tornar o produto enfadonho são atributos fundamentais que a jornalista possui, além do talento próprio, claro.

Com a necessidade cada vez maior que os jornalistas têm de se reinventar, tanto pela concorrência no mercado de trabalho quanto pelas mudanças no campo - como a explosão das mídias digitais e às consequentes novas exigências do público -, cabe a esses profissionais buscarem novos formatos, novas linguagens. O caminho para a inovação talvez seja estudar os percursos das narrativas, as quais são peça imprescindível no jornalismo, e tentar compreender como elas estão se reconfigurando para, assim, aplicar o conhecimento no campo prático. Os trabalhos de Fabiana Morais são um bom pontapé para tal tarefa.

Referências

BORGES, V. P. **Grandezas e misérias da biografia**. Em C. B. PINSKU, *Fontes Históricas* (pp. 203-234). São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, E. P. **Histórias de Vida em Jornalismo Literário Avançado**. Fonte: EPL: www.edvaldopereiralima.com.br, 2012. Acesso em novembro de 2015.

MORAIS, F. *Jornal do Comercio*. Fonte: Site do Jornal do Comercio: <http://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br/romanticos/>. Acesso em novembro de 2015.

PICCININ, F. **O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos**: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: PICCININ, Fabiana & SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs.). *Narrativas Comunicacionais Complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

PICCINI, F. & ETGES, A. **O eu que narra, que sente e que diz como são feitas as notícias**: Análise da atorização em Profissão Repórter. In: F. PICCINI, & D. SOSTER, *Narrativas Comunicacionais Complexificadas 2* (pp. 321 – 346). Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.

SCHIMIDT, B. B. **Construindo Biografias ... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos**. Estudos Históricos, 1997.

SOSTER, D. **A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiaticizado**. Rizoma, 2014.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS-BOAS, S. **Perfis: o mundo dos outros / 22 personagens e 1 ensaio**. Barueri: Manole, 2014.